

As classes formais do português brasileiro

Cíntia da Costa Alcântara

UFPeI



RESUMO – Na linha da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993, 1994; Harris 1999), este artigo se detém nos agrupamentos de vocábulos não-derivados do português terminados em /o/, /e/, /a/ átonos ou ‘zero’ fonológico, considerando-os em quatro classes formais. Os resultados permitem reconhecer as vogais /o/ e /a/ como legítimas “vogais temáticas” (VT) – morfemas de classe formal –, e a vogal /e/ com dois status: morfema de classe formal e vogal epentética.

Palavras-chave: Morfologia distribuída; Vocábulos não-derivados; Vogal átona final; Classes formais

ABSTRACT – In the line of Distributed Morphology (Halle and Marantz, 1993, 1994; Harris 1999), this paper proposes to describe and analyze groups of Portuguese non derived words ended in non stressed vowels /o, a, e/ or phonological “zero” that constitute form-classes (or declational classes). In this language there are four form-classes. The results permit to recognize the vowels /o/ and /a/ as creators of non-marked form-classes. The vowel /e/ has two different status, it can be either thematic vowel or epenthetic vowel.

Keywords: Distributed morphology; Non derived words; No stressed final vowel; Form-classes

Este estudo apresenta uma análise das classes formais do Português Brasileiro (PB), grupos temáticos que compartilham a mesma terminação, à luz da Teoria da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993, 1994), com inspiração em Harris (1999). Tem por orientação os seguintes objetivos: descrever o papel desempenhado pelas vogais átonas finais /a, e, o/, interpretadas como “morfemas de classe formal” ou vogal epentética, no caso da vogal /e/, investigar a constituição de cada classe formal no português bem como a relação entre gênero e classe formal.

As classes formais do português: Uma visão geral

A classificação dos vocábulos nominiais em classes temáticas não é nova na língua portuguesa, assim como não era no latim, em que foi observada e discutida por eminentes estudiosos (MEYER-LÜBKE, 1923; CÂMARA Jr., 1969, entre outros). No português é referência de muitos estudos entre os quais Câmara Jr. (1969), Lee (1995) e Moreno (1997). Contudo, aqui se pretende realizar uma análise mais detalhada com base na Teoria da Morfologia Distribuída (doravante DM, do ingl. *Distributed Morphology*).

Defende-se que o português possui quatro classes formais. Três delas terminam, respectivamente, nas vogais /o, a, e/ e uma não possui elemento terminal, como se verá mais adiante.

A hipótese defendida é que as vogais átonas finais /o/, /a/ e /e/ são morfemas de classe formal, embora a última vogal citada seja por vezes também uma vogal epentética.

Os dados a serem apresentados não sofreram tratamento quantitativo, em virtude do caráter estritamente teórico do trabalho. Salienta-se, não obstante, que as fontes consultadas foram inúmeras – a partir delas construíram-se as listas não-exaustivas de vocábulos nominiais do português, subsequentemente organizadas em diferentes classes formais, seguindo a proposta de Harris (1999).

Apresenta-se, no Quadro 1, a classificação das quatro classes formais da língua¹.

Como se pode observar, no Quadro 1, nomes e adjetivos do português estão distribuídos entre quatro classes formais que são heterogêneas com respeito ao gênero, não podendo, logo, ser consideradas *classes de gênero*.

¹ Em Alcântara (2003), defendi a existência de cinco classes formais no PB, as quais, agora reformuladas, são em número de quatro. As razões que nortearam tal modificação na proposta serão expostas neste estudo.

QUADRO 1 – Classes Formais do Português

Classe Formal		
a. I /o/	m f	astro, belo, calmo, dado, figo, imenso, jato, lobo, maestro, noivo, oco, peito, quadro, rato, sino, urso, vândalo, zelo, ... libido, tribo, virago, ...
b. II /a/	f m	alameda, bela, cava, dama, fada, girafa, ilha, juta, lâmpada, neta, ostra, pedra, quimera, rúcula, cesta, testa, uva, vaca, zebra, ... aroma, cometa, drama, edema, fantasma, gorila, idioma, lema, mapa, nauta, ômega, plasma, prana, rapa, sistema, tema, ...
c. III /e/	m f m/f	abacate, acorde, açougue, alarde, bagre, bandeide, basquete, blefe, bos/k/e, clube, debo/f/e, dote, eslaide, forde, lan/f/e, nocaute, padre, tigre, verde, ... algoz, anis, bolor, capuz, convés, feliz, mártir, revés, teor, tenaz, ... are, apêndice, bule, cárcere, do/s/e, escore, folclore, tule, vale, ... arte, ave, boate, buti/k/e, chance, chave, cidade, haste, lápide, madre, mascote, metade, neve, noite, parede, saúde, sebe, sorte, trave, ... cor, cruz, dor, espiral, flor, foz, paz, tez, ... alfa/s/e, árvore, cla/s/e, fa/s/e, indole, mu/s/e, pele, prole, to/s/e, ... alegre, chefe, célebre, cliente, consorte, cra/k/e, mestre, pedestre, triste, ... bene/s/e, célere, mole, preco/s/e, súpli/s/e, ...
d. IV ∅	m/f	bagageN, corageN, joveN, homeN, álbuN, treN, armazeN, jardiN, ... frei, lei, rei, boi, apogeu, mausoléu, troféu, ... araçá, pá, vatapá, chá, jabuti, pajé, ... vil, farol, papel, ...

A Classe I, identificada pelo morfema de classe formal /o/, parece ser a que mais palavras abriga na língua, sendo, por isso, um dos agrupamentos formais mais produtivos. Nela prevalecem palavras masculinas – é a classe não-marcada para tal gênero –, conquanto também inclua palavras femininas, como se vê no Quadro 1, embora em reduzido número. Tal inclusão se dá através de um mecanismo especial que bloqueia a emergência dessas formas sob a classe II, o caso não-marcado para os nomes femininos. Da mesma forma, é nesse agrupamento formal que se estabelece uma correlação mais estreita entre gênero e classe formal, característica também presente na classe II. Na forma plural, as palavras recebem unicamente o acréscimo do sufixo /S/.

A Classe II, cujo morfema de classe formal é a vogal /a/, é a segunda mais produtiva do português. É considerada a classe não-marcada para os vocábulos femininos, não obstante abrigue um número bastante elevado de palavras masculinas, as quais também exigem um mecanismo especial, a fim de assegurar que não sejam incorretamente afiliadas à Classe I.

A Classe III, cujo morfema de classe formal é a vogal /e/, carrega raízes de ambos os gêneros, sem que haja prevalência de um gênero sobre o outro, como se dá nas classes I e II. Note-se que os componentes desse agrupamento formal podem ser identificados pela alternância ∅ e /e/ em contexto específico, por razões que serão esclarecidas em etapa posterior neste artigo. Para o momento, basta referir que sob III estão agrupadas não só raízes terminadas em consoantes licenciadas pela condição de coda do português, bem como por todos os segmentos consonantais não-permitidos pela referida condição. Aliás, a configuração das raízes nesta classe, em nada difere daquela encontrada nas duas maiores classes, I e II.

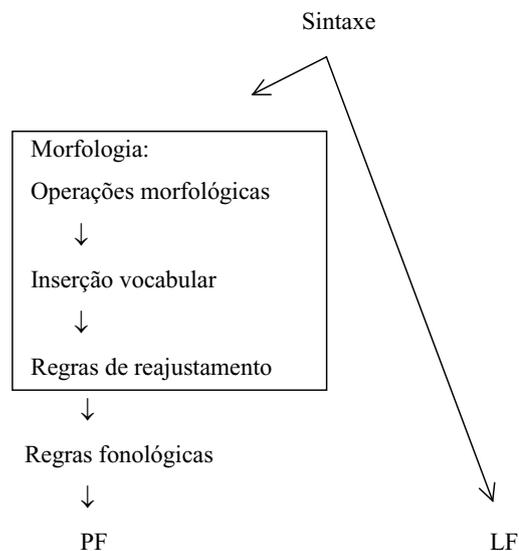
A Classe IV compõe-se de palavras conhecidas como *atemáticas* que, sob a DM, são identificadas pelo morfema de classe formal ∅, tanto no singular quanto no plural.

Antes de passar à análise, serão apresentados os pontos importantes da teoria da Morfologia Distribuída que sustentam este estudo.

A teoria da Morfologia Distribuída

A teoria da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993, 1994), de caráter gerativo, em que a Sintaxe é o elemento congregante, compreende a organização modular representada em (1).

(1) Modelo de Organização Gramatical na DM



A Sintaxe é um componente gerador de estruturas pela combinação, sob nós terminais (i.e., morfemas), de feixes

de traços sintáticos e semânticos selecionados pelas línguas particulares a partir de um inventário disponibilizado pela Gramática Universal (UG). Essas combinações de traços estão sujeitas a princípios e operações da sintaxe (*merge and move*), as quais são subsequentemente trabalhadas nos componentes morfológico e fonológico.

O componente morfológico da gramática compreende três etapas: as *operações morfológicas*, a *inserção vocabular* e as *regras de reajustamento*. As *operações morfológicas* manipulam as representações advindas da Sintaxe – as quais são diagramadas sob a forma de árvores de ramificação binária. Podem não só modificar as representações bem como o seu conteúdo. A atuação das diferentes operações elucidada, segundo Calabrese (1998:76), os *desencontros entre a organização das peças morfológicas e as estruturas fornecidas pela sintaxe*. Somente após a atuação dessas operações estruturais, a fim de satisfazer condições de boa-formação da palavra (como é o caso da *Adição de Nó Terminal de Sufixo Temático a X⁰*), é chamada a *inserção vocabular* (ou *Spell-Out*), cuja responsabilidade é atribuir traços fonológicos – os denominados *itens vocabulares* (i.e., expressões fonológicas) – aos nós terminais. Note-se que o conteúdo fonológico de um item vocabular pode ser qualquer seqüência fonológica, incluindo zero ou ‘nulo’ (e.g. o sufixo temático da classe IV em Português (zero ↔ [___, IV]) em que ‘↔’ representa *inserção vocabular*). Da mesma forma, o conteúdo de traços, ou conteúdo de inserção, pode ser destituído de informação, em tais casos um item vocabular é *elsewhere* ou *default* (e.g. o sufixo temático da classe I em português, /o/ ↔ *elsewhere* ou *default*). Por fim, as *regras de reajustamento* atuam sobre itens vocabulares específicos em um contexto morfológico específico (cf. HARRIS, 1999), o que pode ser observado em português, quando da vocalização da soante /l/ da raiz (/l/ → [j]) no contexto do plural (cf. “anel” → “ané[j]s”).

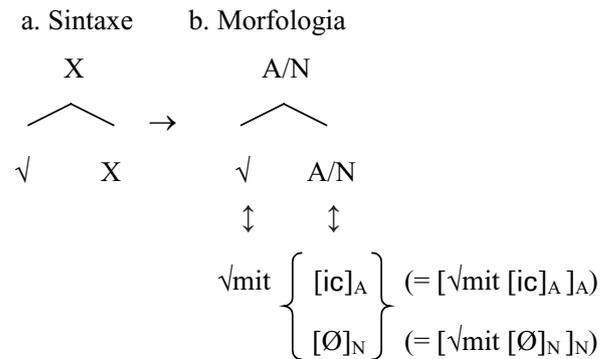
As operações fonológicas manipulam dados advindos da Morfologia, o que explica que muitas delas sejam sensíveis a informações morfológicas, como se verá mais adiante.

Uma das propriedades nucleares que definem a presente proposta teórica, e a mais relevante para este estudo, é a Inserção Tardia (*Late Insertion*) – além de Estrutura Sintática Total (*Syntactic Hierarchical Structure All the Way Down*) e Subespecificação (*Underspecification*). De acordo com a *Late Insertion* as categorias sintáticas são puramente abstratas, ou seja, sem conteúdo fonológico; somente após a Sintaxe tornam-se expressões fonológicas, via *Spell-Out*, conforme já referido.

É fundamental, sob o enfoque aqui assumido, a questão da *afixação derivacional*, pois somente através de morfemas derivacionais, sem considerar se têm

conteúdo fonológico ou não, é que *raízes desprovidas de categoria morfossintática podem atingir o status de nomes e adjetivos sintaticamente viáveis* (HARRIS, 1999: 53). A formalização da afixação derivacional é mostrada em (2).

(2) Representação da Afixação Derivacional

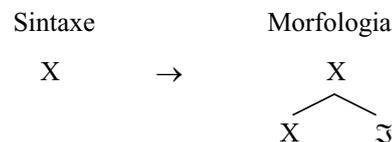


As tradicionais *partes do discurso* N, A, V (2a) são representadas pela raiz ‘√’, cuja categoria morfossintática é determinada pelo morfema licenciador mais próximo ‘X’. A sub-árvore (2b) apresenta o componente morfológico. As setas bidirecionais (‘↕’) correspondem à operação morfológica de *inserção vocabular*, cujo resultado é a inserção da raiz *mit-* e do sufixo de formação adjetival *ic-* ou do morfema \emptyset , que é sintaticamente motivado, embora não seja pronunciado.

Entretanto, raízes do tipo *faxin-* (*faxina*), *mit-* (*mito*), *pel-* (*pele*), sobre as quais o presente trabalho se detém, exigem a atuação da operação morfológica de ‘adição de morfema’, a fim de que possam receber o *status* de vocábulos independentes. Essa adição é representada em (3).

(3) Adição de Nó Terminal de Sufixo Temático a X⁰

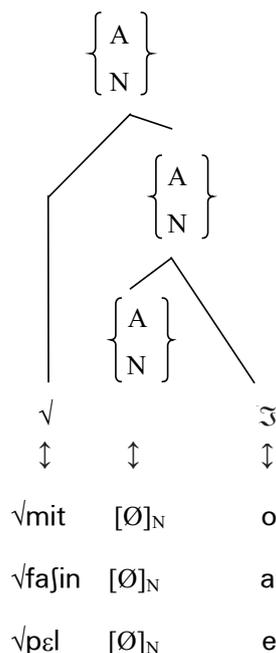
Uma categoria morfossintática, ou seja, X⁰ exige um *sufixo temático* ‘ \mathfrak{S} ’



Essa condição exige que um morfema de classe formal ou sufixo temático (\mathfrak{S}) seja adjungido a X⁰s, raízes (radicais) portadoras de categoria morfossintática, N, A, Adv, para receberem o *status* de palavras morfológica-mente bem-formadas. A despeito de ser uma condição de língua-específica, abrange muitas línguas românicas além do português, entre as quais o espanhol (HARRIS, 1996; 1999), o catalão (OLTRA-MASSUET, 1999)

e o italiano (PEPERKAMP, 1997). Note-se, mais uma vez, que essa adjunção ocorre no componente morfológico, uma vez que tais sufixos não têm função sintática. Enfim, a estrutura constitutiva completa de palavras como *mito*, *faxina* e *pele*, em (4), é configurada a partir de (2) e (3).

(4) Estrutura Constitutiva das Palavras Não-Verbais



O morfema de classe formal, /o/, /a/ ou /e/, é selecionado pelo licenciador da raiz (morfema derivacional), quando este possui conteúdo fonológico; de outra forma, é a própria raiz que toma para si esta responsabilidade. Este é o caso de todos os exemplos ilustrados em (4).

Considerando-se que, à luz da DM, a adjunção de um morfema de classe formal às raízes não-verbais, necessariamente formadas pela adjunção de uma raiz a um morfema derivacional doador de categoria morfossintática (N), (A) – acontece em cumprimento a uma condição de boa-formação morfológica da língua, (3), todas as palavras não-verbais do português, nomes e adjetivos, carregam necessariamente em sua representação morfossintática um morfema de classe formal, cuja manifestação pode se dar através de um item vocabular (expressão fonológica) ou pode ser nula – Ø fonológico, conforme pode ser visto em (8a). Ressalta-se ainda que o morfema de classe formal pode ser seguido unicamente pelo sufixo de plural, /S/.

Defende-se, nesta análise, a inexistência da regra de apagamento de morfema de classe formal, o que pôde ser observado formalmente em (4), ilustrado em (5).

(5) Formação de Palavras Não-Verbais de Português

mit-o
mit+ic-o (*mit-o+ic-o)
crem-e
crem+os-o (*crem-e+os-o)
faxin-a
faxin+eir-a (*faxin-a+eir-a)

A idéia de a derivação basear-se em radicais² e não em palavras flexionadas, cujo proponente é o próprio Harris (1983, 1985, 1991a), é também defendida em modelos teóricos diferentes, como vemos em Peperkamp (1997), Villalva (1994), Moreno (1997), entre outros.

A constituição das classes formais do português

Conforme se observou anteriormente, as classes apresentadas no Quadro 1 não são agrupamentos de gênero, pois reúnem tanto palavras masculinas como femininas, mas são classes formais.

Como a informação de classe formal é geralmente imprevisível, espera-se que seja incluída como parte da informação das entradas vocabulares de muitas raízes, o que é ilustrado não somente com referência a nomes (6a), bem como a adjetivos (6b). Particularmente a esses últimos, a configuração de suas entradas vocabulares são aquelas anteriores à concordância de gênero com um dado nome.

(6) Entradas Vocabulares de Nomes e Adjetivos

a. (Nomes) [variS/, N, III, fem ...] *variz*
 [nariS/, N, III, - ...] *nariz*
 [kol εr/, N, III, fem ...] *colher*
 [fofer/, N, III, - ...] *chofer*

b. (Adjetivos) [pior/, A, III, ...] *pior*
 [tenaS/, A, III, ...] *tenaz*
 [traves/, A, - ...] *travesso(a)*

Em (6a), observam-se três distintas informações: categoria morfossintática (N), classe formal (III) e gênero (feminino). Uma vez que o gênero dos nomes, em português, assim como em muitas línguas, é, em geral, arbitrário, essa informação tem de ser especificada na entrada vocabular, como um traço idiossincrático. E, pelo fato de assumir-se que o gênero marcado é o feminino, somente este deverá ocorrer nas entradas vocabulares, no

² O termo *radical*, na presente análise, não goza de *status* teórico; mas, sim, a raiz.

português. O gênero masculino é, por sua vez, considerado não-marcado, ou seja, a *ausência do feminino* (CÂMARA Jr., 1966, para o português; HARRIS, 1996, para o espanhol); portanto, o traço que identifica nomes masculinos está ausente das entradas vocabulares no português. Por outro lado, todos os nomes com a configuração mostrada em (6a) têm de carregar a informação de classe formal, III, o que denota a sua imprevisibilidade nesta classe. No que concerne aos adjetivos mostrados em (6b), observe-se que todos carregam a informação de categoria morfossintática (A), porém lhes falta totalmente a informação de gênero, cuja adição, em suas entradas vocabulares, somente se concretizará após a concordância com um dado nome; se feminino, esse traço deverá aparecer na entrada vocabular do adjetivo, se, por outro lado, o nome for masculino, essa informação não aparecerá. É interessante notar que, no último exemplo ilustrado em (6b), estão ausentes não só a informação de gênero bem como a de classe formal. Isso ocorre porque a classe à qual pertencerá tal adjetivo é I ou II, as maiores do português, como foi referido.

Em alguns casos, contudo, a informação de classe formal pode ser fornecida mediante regras de redundância morfológica, como é o caso em (7).

(7) Regra de Redundância para Classe

fem → II

A regra formalizada em (7) mostra que a classe II, cuja terminação é a vogal /a/, é previsível para as raízes do gênero feminino no caso não-marcado. Tal classe não é, contudo, a única a ser identificada a partir de regra de redundância morfológica; o mesmo acontece à classe I, o caso *default*, assim denominada pelo fato de as raízes masculinas a ela afiliadas não conterem em suas respectivas entradas vocabulares quaisquer informações idiossincráticas de classe formal, a menos que o contexto determine diferentemente. Isso acontece em outras classes formais, conforme pode ser visto em (8).

(8) Entradas Vocabulares para \mathfrak{S}

- a. $\mathfrak{S} \leftrightarrow \emptyset$ / IV ____
 e / III ____
 a / II ____
 o (*default*)

- b. entrada única de [plural] em nomes e adjetivos
 plural ↔ S

As informações em (8a) representam, de acordo com Halle (1997: 430), *os itens vocabulares que os falantes têm de memorizar*. E os itens vocabulares são a relação entre um conteúdo fonológico, que pode ser qualquer seqüência fonológica, incluindo \emptyset , e a informação do contexto em

que pode ser inserido, ou seja, o morfema que receberá tal manifestação fonológica. Assim, verifica-se que a vogal /e/ é inserida ('↔'), na posição do morfema de classe formal da classe III – seja no componente morfológico da gramática, para o grupo de exceção (cf. *pele*), seja no componente fonológico como vogal epentética (cf. *parke(s)*, *bote(s)*). As demais entradas informam que a vogal /a/ é inserida no morfema de classe formal quando este contiver o traço [II] e, finalmente, /o/ é inserido quando o morfema não contiver qualquer informação em termos de traços gramaticais, ou seja, no caso *default*. Em (8b), tem-se a informação de que o único conteúdo fonológico que o morfema de plural pode receber é a fricativa coronal /S/.

Em suma, a formalização em (8) permite observar que o conteúdo fonológico a ser inserido em um dado contexto de traços decorre sempre da exigência desse contexto, o qual é traduzível em termos de traços. Esta proposta fornece os resultados corretos em todos os casos.

Classe formal I

Todas as palavras da língua portuguesa terminadas na vogal /o/, majoritariamente masculinas, estão elencadas sob a classe formal I, ilustrada no Quadro 2.

QUADRO 2 – Classe I: Palavras terminadas em /o/

\mathfrak{S}	masculino	feminino
/o/	astr-o, bel-o, calm-o, dad-o, eix-o, fig-o, imens-o, jat-o, lob-o, med-o, peit-o, quadr-o, rat-o, sin-o, tet-o, urs-o, vas-o, zel-o, ...	libid-o, trib-o, virag-o, ...

A classe formal I é a menos marcada, reúne todas as raízes que não foram direcionadas às demais classes, seja por não conterem quaisquer informações – no caso das masculinas –, seja por conterem uma informação idiossincrática, no caso das poucas femininas que ela contém. Em (9), ilustra-se o que ocorre no componente morfológico da gramática com raízes afiliadas à classe I.

(9) Ilustrações de Membros da Classe I

- a. *entradas vocabulares das raízes*

/libid/, f, I
 /menin/

- b. *derivações*

<i>libido</i>	<i>menino</i>	
[/libid/] \mathfrak{S}	[/menin/] \mathfrak{S}	1 MORFOLOGIA
[]	[]	
f		a
I		b
↓	↓	
o	o	2 <i>Inserção vocabular</i>
libid+o	menin+o	

As derivações ilustradas em (9b) permitem observar, na linha 1a, a entrada vocabular da raiz nominal *libid-* com a especificação de gênero feminino (f), enquanto não há qualquer marca para *menin-*, que é masculina. Isso acontece em virtude de o gênero masculino ser considerado não-marcado, não necessitando, pois, aparecer nas entradas vocabulares, conforme anteriormente apontado. Assim ocorre com todas as palavras masculinas do português, sejam elas nomes, cujo gênero é inerente, ou adjetivos, cujo gênero é adquirido via concordância de gênero, não de classe formal. O gênero feminino, ao contrário, é considerado marcado no português – assim como nas línguas românicas em geral; logo, a presença deste traço, nas entradas vocabulares de todas as palavras femininas, nos nomes, por inerência, e nos adjetivos, por concordância, faz-se imperativa. Na linha 1b, observa-se novamente a raiz *libid-* com uma informação em sua entrada vocabular – o traço diacrítico abstrato [I]; isso se dá porque, em sendo feminino, não se esperaria que emergisse como membro da classe formal I, em virtude de tal agrupamento formal ser não-marcado para as raízes masculinas. Quanto à raiz nominal *menin-*, também se repete a situação apresentada em sua entrada vocabular, linha 1a, ou seja, nenhuma informação de traços é fornecida. Por fim, na linha 2, ocorre a operação morfológica de *Inserção vocabular* sob a qual surge a vogal /o/ à borda direita das formas *menino* e *libido*.

Em suma, todas as raízes masculinas não-marcadas para classe, assim como as femininas portadoras do traço de classe formal [I], recebem /o/, como manifestação fonológica/subjacente do morfema de classe formal representativo da Classe I, a classe *default*, de acordo com (8a). Por ser considerada *default*, tal classe é conseqüentemente a mais *produtiva* da língua, ao lado da classe formal II.

Classe formal II

A classe II compreende todas as palavras terminadas na vogal /a/, sejam elas masculinas ou femininas, conforme ilustrado no Quadro 3.

QUADRO 3 – Classe II: Palavras terminadas em /a/

∩ II	feminino	masculino
/a/	alamed-a, cam-a, dam-a, empres-a, fad-a, giraf-a, lâmpad-a, mal-a, net-a, ostr-a, pedr-a, test-a, uv-a, vac-a, ...	arom-a, comet-a, dram-a, fantasm-a, goril-a, idiom-a, lem-a, map-a, plasm-a, sistem-a, tem-a, ...

As raízes afiliadas à classe formal II têm sempre um traço morfológico em suas entradas vocabulares, conforme pode ser observado em (10).

(10) Ilustrações de Membros da Classe II

a. <i>entradas vocabulares das raízes</i>			
/komet/, II			
/mal/, f			
b. <i>derivações</i>			
<i>cometa mala</i>			
[/komet/]	∩	[/mal/]	∩
[]		[]	
		f	a
II			b
II			2
	↑	↑	
a		a	3 <i>Inserção vocabular</i>
komet+a		mal+a	

Em (10a) é ilustrado o fato de as raízes *komet-* e *mal-* carregarem informações idiossincráticas. A raiz nominal *komet-* possui informação de classe formal, enquanto *mal-* carrega informação de gênero, como todas as raízes femininas; daí decorre a noção de maior marcação da classe II em relação à classe I. Em (10b) são mostradas as derivações das formas *cometa* e *mala*.

Na linha 1a, observa-se a atribuição de gênero à forma feminina, através do traço ‘f’; o vocábulo masculino, por sua vez, nada recebe, pois, pelo fato de ser portador do gênero não-marcado, tal traço morfológico não precisa ser informado em sua entrada vocabular, semelhantemente ao que ocorre com todas as raízes masculinas. Na linha 1b, não obstante, a raiz *komet-* tem de carregar o traço idiossincrático de classe formal [II]; isso deve acontecer a fim de não ser incorretamente atribuída à classe que abriga o maior número de formas masculinas, ou seja, classe I (/o/) (cf. *cometo). Na linha 2, vê-se a atribuição de classe II para *mal-*, através de (7). E, finalmente, na linha 3, acontece a *Inserção vocabular* para ambas as formas.

Sumariando, todas as raízes que carregam o traço de classe formal [II], seja idiossincraticamente no caso das formas masculinas, seja por regra de redundância morfológica no caso das femininas – que preponderam nesse agrupamento formal –, recebem a vogal /a/, enquanto manifestação fonológica do sufixo temático desta classe.

Classe formal III

A classe III, cujo morfema de classe formal é a vogal /e/, reúne um grande número de vocábulos. Por ser bastante complexa, tem recebido várias interpretações (HARRIS, 1999, com respeito ao espanhol; ALCÂNTARA 2003, relativamente ao português brasileiro). A complexidade desta classe é explicada em virtude de abrigar um pequeno grupo de vocábulos que recebem /e/ final, o qual não é requisitado por razões fonológicas. Dito de outra forma, essas palavras poderiam emergir sem a vogal /e/, à borda direita, dado a consoante final da raiz não violar a

condição de coda da língua, em (12) apresentada. Além desse reduzido número de vocábulos portador de /e/ final, atribuído no módulo da Morfologia – assim como /a/, da classe II, e /o/, da classe I –, há vocábulos terminados em consoantes licenciadas pela coda do português e há, também, um grande número de palavras que devem receber /e/ em virtude de não satisfazerem a condição de coda da língua, como se verá a seguir.

Acrescente-se ainda o fato de os membros dessa classe carregarem, nas entradas vocabulares, tanto informação de gênero, ('f'), quanto informação de classe formal, semelhantemente aos casos marcados afiliados às classes I e II, o que a torna, entretanto, marcada em relação a essas. Uma das justificativas para tal marcação assenta no fato de não haver correlação estreita entre gênero e classe formal, conforme anteriormente referido. Esta classe reúne tanto palavras masculinas quanto femininas, ao passo que as classes I e II dão primazia às palavras masculinas e femininas, respectivamente, embora não exclusivamente. A outra justificativa para a marcação da classe III – relativamente às classes I e II – reside no fato de cada um de seus integrantes carregarem, nas entradas vocabulares, um traço diacrítico que obsta sua equivocada integração às duas maiores classes. Em (11), apresentam-se exemplos de membros da classe III, nos quais pode ser observada, em negrito, a informação fonológica de que as raízes são portadoras.

(11) Classe III: /e/ ~ Ø

a'. /S/ algo S -Ø/algoz-es	b. C	av- e (s)
cru S -Ø/cruz-es		blef- e (s)
feli S -Ø/feliz-es		cra/ z /- e (s)
/r/ ar-Ø/ar-es		club- e (s)
dever-Ø/dever-es		cra/ k /- e (s)
flor-Ø/flor-es		deta///- e (s)
mártir-Ø/mártir-es		debo//s/- e (s)
		pirâm id - e (s)
a''. /s/ alfa s /- e (s)		pre/ n - e (s)
cla s /- e (s)		tim- e (s)
mu s /- e (s)		sorvet- e (s)
/r/ folclor- e (s)		
escor- e (s)	CC	alarm- e (s)
árvor- e (s)		alegr- e (s)
/l/ control- e (s)		bail- e (s)
mol- e (s)		bande id - e (s)
pel- e (s)		bos/ k /- e (s)
val- e (s)		carn- e (s)
		céle br - e (s)
		cipre st - e (s)
		chan/ s /- e (s)
		charm- e (s)
		cisn- e (s)
		client- e (s)
		consort- e (s)
		entors- e (s)
		film- e (s)
		hum ild - e (s)
		par/ k /- e (s)
		ur z - e (s)

Como se pode observar, em (11), os vocábulos da classe III alternam Ø e /e/ em contexto específico. Defende-se que tal classe está subdividida em três subgrupos – de raízes bem-formadas, (11a'), de raízes não bem-formadas (11b) e, ainda, de um grupo de exceção, (11a''), conforme já mencionado.

Em (11a'), as raízes bem-formadas são aquelas que terminam por segmentos que satisfazem a *Rima e sua Condição de Coda* (12)³; daí o Ø fonológico no singular, o qual será substituído por /e/ no plural; em (11a''), são apresentadas raízes que terminam em consoantes que poderiam ser segmentos finais de uma sílaba, as quais, contudo, apresentam imprevisivelmente um /e/ final, o que as torna palavras de exceção, em virtude do /e/ final ser inserido na Morfologia. Um argumento em prol da excepcionalidade das palavras sob (11a'') é que se a vogal átona final /e/, que aparece em vocábulos como *vale-vala-valo*, *passe-passa-passo*, *are-ara-aro*, não fosse inserida no componente morfológico da gramática, de acordo com os pressupostos da DM, em chegando ao componente fonológico, nada indicaria a necessidade de seguir tautossilabicamente às soantes /l r/ ou à fricativa surda /s/⁴. Por fim, em (11b), aparecem raízes não bem-formadas, isto é, que carregam segmentos não-licenciados para a posição de coda silábica, seja um só segmento (C) (e.g. *chef-e(s)*, *bot-e(s)*), seja uma sequência de segmentos (CC) – entre os quais está incluído o glide derivado por silabação de vogal alta (e.g. *bail-e(s)*, *freir-e(s)*, *caul-e(s)*, *noit-e(s)*), além dos grupos de legítimas consoantes (e.g. *par/[k]-e(s)*, *cond-e(s)*, *pest-e(s)*). Note-se ainda que às formas em (11b) será adjungida a vogal epentética /e/ pelo processo de epêntese, em (13) apresentado, o que só ocorrerá no módulo fonológico da gramática, uma vez que a estrutura silábica ainda não está disponível para ser acessada no módulo morfológico, como preconiza a Teoria da Morfologia Distribuída.

Em termos de traços, na acepção *standard*, o que faz com que todas essas palavras estejam reunidas sob a mesma classe formal é o fato de carregarem, nas respectivas entradas vocabulares, o traço idiossincrático de classe [III], cuja manifestação fonológica é a vogal /e/, conforme apresentado em (8a), salvo para os exemplos em (11a'), no singular. O que se deve pôr em relevo é que a classe III compreende não só palavras cujos segmentos em posição final atendem à restrição de coda – (11a') (*lilás*, *flor*), (11a'') (*cla/s/e*, *folclor*, *pele*) –, como também as que não atendem, (11b) (**seb*, **part*, **fraud*), conforme anteriormente referido. Enfim, independentemente das propostas teóricas sob as quais diversos estudiosos empreenderam seus trabalhos, destaca-se o fato de que a

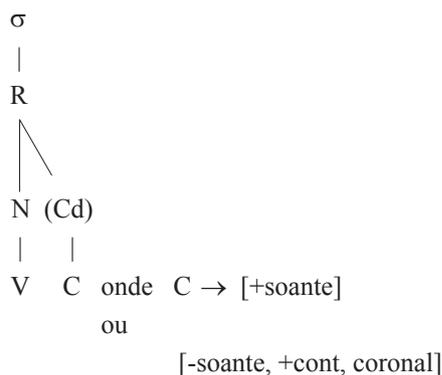
³ A lateral e a nasal em coda identificam membros da classe formal IV, da qual a presente exposição não tratará, por razões de espaço.

⁴ A realização não-marcada do arqui-fonema /S/, em final absoluto seguido de pausa (cf. Câmara Jr., 1976), é a fricativa coronal surda.

vogal /e/ é inserida em final de palavra após consoantes ou grupos de consoantes não licenciados para a posição de coda (LEITE, 1974; GIRELLI, 1988; LEE, 1995; COLLISCHONN, 1997; BISOL, 1999a; entre outros).

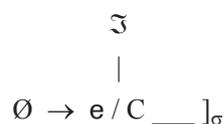
Em (12) apresenta-se a estrutura da Rima em português, em que está implícita uma condição de coda.

(12) A Rima e sua Condição de Coda



As sílabas do português podem terminar em uma vogal nuclear ou podem ter coda. As codas podem ser constituídas de segmentos [+soa][+voc], isto é, vogais altas /i/, /u/, que nessa posição passam automaticamente a glides, de segmentos [+soante], como /r N/ ou ainda de segmentos [-soante, +cont, coronal], ou seja, /S⁵. Em se tratando de raízes não bem-formadas, por não contemplarem essas exigências, há que ser chamado o processo de epêntese, (13), a fim de que possam emergir formas licenciadas na língua.

(13) Operação de epêntese em ‘ \mathfrak{S} ’



Note-se que o processo formalizado em (13) – que pode operar seja no singular, seja no plural (cf. *mares* (11a’); *parques* (11b) – embora ocorra no módulo fonológico da gramática, não prescinde de informações do módulo morfológico para que possa atuar. Por

⁵ Salienta-se, com respeito às consoantes licenciadas por (12), o fato de as únicas que se manifestam como legítimas consoantes na forma de superfície são /r/ e /S/ (cf. *poma/r/* → [po’mar]; *xadre/S/* → [xa’dres]). A soante /N/ manifesta-se como glide vocalizado em posição final de palavra (e.g. *comu/N/* → [ko’mú^h] ~ [ko’mú^h], *viage/N/* → [vi’a^hzi] ~ [vi’a^hzi^h] (~ [vi’a^hzi])) e /l/, a seu turno, tende também à vocalização como glide dorsal [w] no singular e coronal [j] no plural (cf. *cana/l/* → [ka’naw], [ka’najs]; *azu/l/* → [a’zuw], [a’zujs]; *anil* → [a’niw], [a’nijs]). A vocalização vem se mostrando incidente no português brasileiro.

consequente, a substituição de Ø fonológico pela vogal /e/, só ocorrerá se a posição do morfema de classe formal (\mathfrak{S}) estiver vazia – morfema este que pode estar seguido ou não do morfema de plural –, e se a consoante (C) precedente estiver silabicamente desassociada.

Apresenta-se em (14) ilustrações de membros da classe III, e a atuação do processo de epêntese.

(14) Ilustrações de Membros da Classe III

a’ <i>mar</i>	a’’ <i>pele</i>	b. <i>parque</i>	1	MORFOLOGIA
[mar/] \mathfrak{S}	[pɛl/] \mathfrak{S}	[park/] \mathfrak{S}	[]	[]
III	III	III	a	b
mar+Ø	pɛl+e	park+Ø	2	<i>Inserção vocabular</i>
m a r	p e l e	p a r k		FONOLOGIA
\ /	\ \	\ /		Silabação
σ	σ σ	σ		Epêntese (13)
		e		Silabação
		p a r k e		
		\ \		
		σ σ		
[’mar]	[’pɛli]	[’parki]		Saída

Nas três derivações acima, em que a primeira é um membro da subclasse III, explicitada em (11a’), *mar-*, e as duas seguintes membros das outras duas subclasses, explicitadas, respectivamente, em (11a’’) e (11b), cujos exemplos são *pel-e* e *park-*, observa-se que a única diferença entre esses membros da classe III, em termos formais, concerne ao número de propriedades que carregam em suas entradas vocabulares. Na linha 1a das derivações somente a raiz *pel-* traz especificada a marca do gênero que deve aparecer sempre nas entradas vocabulares, ‘f’; o gênero masculino, conforme referido anteriormente, em sendo a ausência do feminino, não requer especificação, como é o caso em *mar-* e *park-*. Na linha 1b é apresentado o traço de classe formal [III] que deve constar das entradas vocabulares das três formas em pauta. Se assim não fosse, todas as raízes em questão seriam incorretamente direcionadas às duas maiores classes formais do português, em consequência os resultados seriam agramaticais; funcionam como instrumento bloqueador de regras que inexoravelmente produziriam formas incorretas. São apresentados, na linha 2 do componente morfológico, por meio da operação de *Inserção vocabular*, os resultados esperados, dos quais somente *pel-e* recebe o morfema de classe formal /e/, por ser um membro do grupo de exceção, em (11a’’) ilustrado. No módulo subsequente, o da Fonologia, a *Silabação* atua e produz as estruturas que são submetidas à apreciação da *Rima e sua Condição de Coda* (12), a qual permite que a soante /r/ seja silabificada, em *mar-*,

porém assinala como proibida a obstruinte final /k/, em *park-*; no que concerne à forma *pele*, esta não é sequer submetida à condição (12), por vir da Morfologia já bem-formada. Desta feita, o processo de \mathfrak{S} -epêntese, em (13), é chamado, a fim de que ocorra a inserção da vogal /e/ na posição do morfema de classe formal à borda direita de *park-*, resultando daí o *output* correto: *par.ke*.

Com relação aos plurais da classe III, mais uma vez são os vocábulos do grupo de exceção – que carregam desde a Morfologia a vogal final /e/ – que chegarão já prontos à Fonologia, ou seja, com as três posições preenchidas – a da raiz, a do morfema de classe formal e a do sufixo de plural. Os demais membros terão somente a primeira e a última posições preenchidas, tendo, assim, de ser submetidos ao referido processo de epêntese no módulo fonológico. Tudo isso é mostrado em (15).

(15) Formas Plurais da Classe III

a'. X + \mathfrak{S} + PL	a''. X + \mathfrak{S} + PL	b. X + \mathfrak{S} + PL	MORFOLOGIA
↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓	
mar+Ø+S	pel+e+S	park+Ø+S	<i>Inserção vocabular</i>
<u>mar</u> S	<u>pel</u> e S	<u>park</u> S	FONOLOGIA
\ /	\ \ /	\ /	
σ	σ σ	σ	Silabação
e		e	Epêntese (13)
ma <u>re</u> S		pa <u>rke</u> S	Silabação
\ \ /		\ / \ /	
σ σ		σ σ	
[ˈmaris]	[ˈpɛlis]	[ˈparkis]	Saída

Defende-se que o processo de \mathfrak{S} -epêntese é chamado para atuar tanto sobre a forma plural de *mar* quanto à de *parque*⁶, gerando os resultados esperados, em (15). Tal interpretação assenta sobre o seguinte argumento: ainda que o morfema [plural], apresentado em (8b), seja o único elemento que pode seguir o morfema de classe formal ([I], [II], [III], etc.) à borda direita da palavra, assume-se que o preenchimento daquela posição, que ocorre ainda no componente morfológico da gramática, não é o último preenchimento a ocorrer no vocábulo. Isso se dá tão-somente com os vocábulos que constituem o grupo de exceção, como *peles*, em (15) ilustrado, cuja explicação acontece justamente por constituírem formas de exceção, não pelo fato de /S/ plural se fazer presente à borda direita. Ademais, não é pelo fato de os falantes nativos do português jamais produzirem formas como *marse ou *par/k/se por *mares* e *parques*, respectivamente, que se defenderia a inserção da vogal átona /e/ no componente morfológico da gramática, pois isso forçaria a que se entendesse que tal segmento vocálico, no sistema linguístico do português, possui duas interpretações distintas – por um lado, uma vogal epentética no singular (cf. *parqu-e*), e, por outro lado, uma legítima manifestação de morfema de classe formal no plural (cf. *parqu-e-s*). Em suma, ainda que

em formas como *mar-e-s*, por exemplo, haja, sobretudo, motivação morfológica para a inserção do /e/, como assumido por outros estudiosos da língua (BISOL, 2000) cuja assunção também é defendida neste trabalho, ainda assim não há que se negar uma motivação fonológica para tal inserção. Ademais a proposta do processo de epêntese tem acesso ao módulo morfológico da língua, conforme anteriormente referido, o que torna a defesa de uma inserção fonológica com razões morfológicas absolutamente plausível, sob a DM.

Em outras palavras, o fato de o preenchimento da posição temática em *parques* e *mares*⁷ se dar no componente fonológico da gramática, em nada enfraquece o modelo sob o qual a presente proposta se desenvolve. O modelo teórico da Morfologia Distribuída defende a manipulação de traços abstratos em etapa precedente à inserção de material fonológico e isso é respeitado sob a presente proposta para o português.

Enfim, retomando (8a), as entradas vocabulares de sufixo temático representam os itens vocabulares que os falantes do português têm de memorizar, ou seja, a relação entre um expoente fonológico e a informação sobre o contexto em que tem de ser inserido.

Para finalizar, sob a Teoria da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993, 1994), a análise empreendida dos vocábulos não-verbais do português do Brasil terminados em uma das três vogais átonas finais /o/, /a/ ou /e/, chega às seguintes conclusões:

a) O português do Brasil possui, minimamente, três classes formais não-verbais e, maximamente, quatro⁸:

1. A classe I, uma das maiores em extensão, é considerada a classe *default* por abarcar todos os vocábulos que, por uma razão ou outra, não foram encaminhados às demais classes. Todos os seus membros acabam na vogal /o/.
2. A classe II, também registrada como uma das mais vultosas, compreende um grande número de palavras femininas terminadas em /a/, mas também um considerável percentual de palavras masculinas que carregam tal terminação.
3. A classe formal III tem caráter bastante específico; um reduzido número dos integrantes deste agrupamento formal recebe a vogal /e/ ainda no componente morfológico da gramática, sem

⁶ Posição diferente foi assumida em Alcântara (2003).

⁷ Segundo Bisol (1999a), a epêntese que ocorre em formas como *mares*, *males*, por exemplo, não tem motivação fonológica aparente, parecendo tratar-se de uma exigência morfológica de plural a anexação da vogal -e. Para ela, essa restrição se mostra, contudo, enfraquecida no PB, pois em se tratando da combinação *rs*, há formas variantes sem a vogal /e/ no plural, como *dolar_s* ~ *dólares*; *júnior_s* ~ *juniores*.

⁸ Na presente exposição, não se tratou da classe IV, cujo morfema de classe formal é \emptyset fonológico.

quaisquer razões fonológicas para tal, uma vez que a configuração segmental dessas raízes, em posição final, poderia emergir sem quaisquer elementos vocálicos que se lhes seguisse, porque se trata de segmentos licenciados pela condição de coda da língua; há um outro subgrupo bastante numeroso, constituído de vocábulos que terminam em consoantes licenciadas pela condição de coda do português e que recebem /e/ somente na forma plural, o que se deve, sobretudo, à presença do morfema [plural] na estrutura morfológica do vocábulo, mas também por razões fonológicas, a fim de se adequarem ao “gênio da língua”, segundo o mestre Mattoso Câmara; por fim, há um terceiro subgrupo, o maior em extensão, cujos integrantes têm as raízes terminadas em segmentos ou seqüências de segmentos não-licenciados na língua, que devem, logo, ser submetidos ao processo de epêntese que trabalha com informações não só fonológicas, em termos de estrutura silábica, mas também morfológicas, ou seja, o preenchimento da posição destinada à manifestação fonológica do morfema de classe formal, a qual é preenchida com a vogal /e/ somente no componente fonológico da gramática. Enfim, o comportamento da classe III reflete a sua maior complexidade relativamente às duas maiores classes formais do português, as classes I e II.

b) As vogais /o/ e /a/ são morfemas de classe formal, independentemente de estarem correlacionadas ao gênero, pois identificam agrupamentos formais cuja semelhança única entre si consiste em carregarem a mesma terminação.

c) O gênero é fator relevante para a atribuição de classe formal aos vocábulos não-verbais do português do Brasil, somente no que concerne às duas maiores classes formais, I e II. Isso porque, nessas duas classes, normalmente, a informação de classe formal é previsível a partir do gênero de que são portadoras as raízes. No caso dos membros das demais classes, entretanto, não só o gênero, bem como a classe formal são informações idiossincráticas das raízes.

Referências

- ALCÂNTARA, Cintia da Costa. *As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- BISOL, Leda. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 1, p. 5-30, 2000.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. *Gramática do português falado*. 1999a. v. 7, p. 701-742.
- CALABRESE, Andrea. Some remarks on the Latin case system and its development in Romance. In: TREVINO, E.; LEMA, J. (Ed.). *Theoretical analysis of romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- CÂMARA Jr., Joaquim M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CÂMARA Jr., Joaquim M. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CÂMARA Jr., Joaquim M. Considerações sobre o gênero em português. *Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 1, n. 2, p. 1-9, 1966.
- COLLISCHONN, Gisella. *Análise prosódica da sílaba em português*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- GIRELLI, Carl A. *Brazilian Portuguese syllable structure*. Tese (Doutorado) – University of Connecticut, 1988.
- HALLE, Morris. The Russian declension: an illustration of the theory of distributed morphology. In: COLE, J.; KISSEBERTH, C. (Ed.). *Perspectives in phonology. CSLI Lectures Notes*, n. 51, p. 29-60, 1994.
- HALLE, Morris. Distributed morphology: impoverishment and fission. *MITWPL PF – Papers at the Interface*, v. 30, p. 425-449, 1997.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Ed.). *The view from the Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1993.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of distributed morphology. *MITWPL – Papers on Phonology and Morphology*, v. 21, p. 275-288, 1994.
- HARRIS, James W. Nasal depalatalization *no*, morphological wellformedness *si*; the structure of Spanish word classes. *MITWPL – Papers on Syntax and Morphology*, v. 33, p. 47-82, 1999.
- HARRIS, James W. The syntax and morphology of class marker suppression in Spanish. In: ZAGONA, K. (Ed.). *Grammatical theory and romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.
- HARRIS, James W. The exponence of gender in Spanish. *Linguistic Inquiry*, v. 22, n. 1, p. 27-62, 1991a.
- HARRIS, James W. Spanish word markers. In: NUESSEL Jr., F. (Ed.). *Current issues in hispanic phonology and morphology*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1985.
- HARRIS, James W. *Syllable structure and stress in Spanish*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1983.
- LEE, Seug-Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1995.
- LEITE, Yonne de F. *Portuguese stress and related rules*. Tese (Doutorado) – University of Texas. Austin, 1974.
- MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. New York: G. E. Stechert & Co., 1923. Tome 12: Morphologie.
- MORENO, Cláudio. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

OLTRA-MASSUET, Isabel. *On the notion of theme vowel: A new approach to catalan verbal morphology*. MIT: SM Thesis. 1999.

PEPERKAMP, Sharon. *Prosodic words*. (Doctoral Dissertation) – Universiteit van Amsterdam. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997.

VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Tese (Doutorado) – Lisboa, 1994.

Recebido: 01.03.2010

Aprovado: 08.03.2010

Contato: <cintiaca@terra.com.br>